



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
BACHARELADO EM TEATRO**

IAGO ANDRADE DE SÁ

**UM OLHAR ÍNTIMO SOBRE O PROCESSO CRIATIVO NO ESPETÁCULO
ANACRÔNICO**

JOÃO PESSOA - PB

2024

IAGO ANDRADE DE SÁ

**UM OLHAR ÍNTIMO SOBRE O PROCESSO CRIATIVO NO ESPETÁCULO
ANACRÔNICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Teatro, do Departamento de Artes Cênicas, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientador: Prof. Me. Sérgio José de Oliveira

JOÃO PESSOA - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

Sillo Iago Andrade de Sá.

Um olhar íntimo sobre o processo criativo no
Espetáculo Anacrônico / Iago Andrade de Sá. - João
Pessoa, 2024.

67 f. : il.

Orientação: Sérgio José de Oliveira.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Teatro - TCC. 2. Espetáculo teatral. 3. Diário de
bordo - Registro. 4. Teatro - Processo criativo. I.
Oliveira, Sérgio José de. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 792(043.2)

IAGO ANDRADE DE SÁ

UM OLHAR ÍNTIMO SOBRE O PROCESSO CRIATIVO NO ESPETÁCULO
ANACRÔNICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Teatro, do Departamento de Artes Cênicas, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Aprovado em: 10/05/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Sérgio José de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dra. Líria de Araújo Moraes
Universidade Federal de Paraíba (UFPB)



Prof. Dra. Lúcia Gomes Serpa
Universidade Federal de Paraíba (UFPB)

Dedico à minha mãe Terezinha, que partiu, cujo amor e inspiração continuam a guiar cada passo do meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Partilhar de momentos ao lado de alguém ou algo que foi fundamental para os passos que dei até aqui. Gostaria de expressar minha gratidão a todos que estiveram ao meu lado nesta jornada, pois cada gesto de apoio foi fundamental para chegar até aqui.

*Primeiramente, agradeço às **forças ancestrais que sempre me guiaram**, à **minha mãe, Terezinha**, que foi meu alicerce e permitiu que eu desse cada passo nesta caminhada, à **minha família**, que sempre me apoiou em minha jornada como artista, especialmente por ser o primeiro da família a buscar a universidade em outro estado, à **Emanuelle Maria**, que esteve comigo em todos os momentos, da finalização deste curso de graduação, às **amizades que fiz em João Pessoa**, em especial a **Ian Lima, João Vitor Santos, Railson Almeida e Thiago Reimberg**, por sua ajuda na construção deste trabalho, à **Ap 104, 201 B e 204 B**, por terem sido minha morada, ao **Ambulatório TT - Fernanda Benvenutty**, por zelar pela saúde e minha existência !!! à minha turma do curso de teatro, a **"Turma Potencial"**, que tornou esta jornada mais leve e significativa. Agradeço ao meu orientador, **Sérgio Oliveira**, e às professoras **Líria Moraes e Lúcia Serpa** por estarem comigo neste processo final do curso, à **coordenação do curso de bacharelado em Teatro**, pela prontidão em resolver problemas e oferecer orientações, a **todas as pessoas envolvidas na realização do espetáculo "Anacrônico"**, à **Trupe Alurô** e ao espetáculo **A Concha e a Sopeira**, pelo privilégio de trabalhar ao lado de profissionais incríveis do teatro, ao **Coletivo Atuador**, por ser um espaço de aprendizado e acolhimento em meu desenvolvimento como artista, ao **Grupo de Pesquisa CENA PRETA - QUILOMBO**, que abriu meus caminhos e se tornou representatividade, aos **meus amigos leais do Colégio de Aplicação - UFRR**, que estão comigo há mais de 11 anos e sempre me apoiam em minha carreira profissional, aos meus professores do Colégio de Aplicação - UFRR, **Taina Ribeiro e Josias CasaDeCaba**, por serem minhas primeiras inspirações nas artes e me ajudaram a encontrar o curso de Teatro da Universidade Federal da Paraíba, ao projeto **Arte Jovem - SESI**, por despertar minha paixão pelo teatro, à **cidade de João Pessoa**, que na imensidão do mar me deu um abraço gostoso e me deixou ficar. E por último, agradeço a **mim** mesmo por nunca desistir, por aprender com meus erros e seguir adiante como artista, negro, trans e brasileiro.*

“São coisas de Brasil, arte sem cachê

São coisa de Brasil, sem forçar, sem clichê”

(Trecho da música “Coisas de Brasil” - Rincon Sapiência)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso mergulha na interseção entre o processo criativo de um espetáculo teatral e a documentação pessoal deste processo, através do uso do diário de bordo como instrumento de registro. O diário de bordo é apresentado como uma janela para os bastidores do espetáculo, revelando os pensamentos íntimos, inspirações e desafios enfrentados pelo ator durante a jornada de criação. Partindo do espetáculo "Anacrônico", uma peça autoral desenvolvida a partir de uma criação coletiva por alunos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Paraíba, dirigida pela Prof. Dr^a. Lúcia Serpa, a abordagem se concentra em quatro cenas específicas: "Dentro de um coração que não bate mais", "Nós Combinamos de Não Morrer", "Manifesto" e "Pequeno Ogum" - detalhando os caminhos percorridos, as reflexões tecidas e as transformações vivenciadas durante seu processo criativo. Por meio de uma análise minuciosa, busca-se contextualizar a relação entre o ator, a encenação e o tema central da peça. O trabalho convida o leitor a embarcar nesta jornada, onde as páginas se transformam em um registro repleto de memórias, reflexões e imagens, transmitindo não apenas os detalhes do espetáculo, mas também a emoção e a dedicação que permearam cada momento.

Palavras-chave: anacrônico; diário de bordo; processo criativo; criação coletiva.

ABSTRACT

This end-of-course work delves into the intersection between the creative process of a theater show and the personal documentation of this process, through the use of the graphic diary as a recording tool. The graphic diary is presented as a window behind the scenes of the show, revealing the intimate thoughts, inspirations and challenges faced by the actor during the creative journey. Starting from the play "Anachronistic", an authorial piece developed from a collective creation by students from the Bachelor's and Licentiate's degrees in Theatre at the Federal University of Paraíba, directed by Prof. Dr. Lúcia Serpa, the approach focuses on four specific scenes: "Inside a heart that no longer lives", "We agreed not to die", "Manifest" and "Little Ogum" - detailing the paths taken, the reflections made and the transformations experienced during the creative process. Through a detailed analysis, the aim is to contextualize the relationship between the actor, the staging and the play's central theme. The work invites the reader to embark on this journey, where the pages become a record full of memories, reflections and images, conveying not only the details of the show, but also the emotion and dedication that permeated every moment.

Keywords: anachronistic; graphic diary; creative process; collective creation.

REFERÊNCIA ICONOGRÁFICA

Foto 01: Capa do capítulo 1 fotografia da cena final do espetáculo “Eternidade em Pedacos”.....	12
Foto 02: Capa do capítulo 2 fotografia da cena “Dentro de um coração que não bate mais”.....	16
Foto 03: Imagem usada para compor a projeção da cena “É Aniversário de Todo Mundo”.....	17
Foto 04: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” 1.....	20
Foto 05: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” atores na maca 1.....	20
Foto 06: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” atores na maca 2.....	21
Foto 07: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” 2.....	22
Foto 08: Capa do capítulo 2.1 fotografia do espetáculo “Anacrônico” cena “Nós Combinamos de Não Morrer”.....	22
Foto 09: Cena “Nós Combinamos de Não Morrer”.....	23
Fotos 10 e figura 11: Foto da esquerda ator Iago, foto da direita ator João. Cena “Nós Combinamos de Não Morrer”.....	24
Fotos 12, 13 e 14: Fotos 12 e 13 são registro de diário de bordo com sequência diferente das cenas e 14 a organização final da sequência das cenas do espetáculo.....	27
Foto 15: Capa do capítulo 2.2 fotografia do espetáculo “Anacrônico” cena “Manifesto”.....	28
Foto 16: Cena “Manifesto”.....	30
Foto 17: Personagem “Roque” interpretado por Lázaro Ramos no filme Ó Paí Ó - 2007.....	31
Foto 18: Ator Iago na cena “Manifesto”.....	31
Fotos 19, 20 e 21: Registros feitos no diário de bordo sobre as cenas “Manifesto” e “Pequeno Ogum”.....	33
Foto 22: Capa do capítulo 2.3 fotografia do espetáculo “Anacrônico” cena “Pequeno Ogum”.....	34

FIO DO TEMPO DE MINHA VIVÊNCIA

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. No Princípio era um palco vazio !.....	13
3. O vazio deixado por quem se ama !.....	17
3.1 A Juventude negra agora tem voz ativa !.....	23
3.2 Se vós não conseguir vós grita !.....	29
3.3 Que você seja quem você quiser ser !.....	35
4. Considerações finais.....	37
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXO - TEXTO DO ESPETÁCULO ANACRÔNICO.....	40

1. INTRODUÇÃO

Na interseção entre o processo criativo de um espetáculo e a documentação pessoal dessa criação, encontra-se um mecanismo de registro fundamental: o diário de bordo. Este mecanismo, revela-se como uma janela para os bastidores do espetáculo, oferecendo um olhar detalhado da jornada do ator. Logo, através da perspectiva do ator, torna-se possível adentrar nos detalhes mais intrínsecos do processo criativo de um espetáculo, entender a relação do ator com a encenação e compreender detalhadamente os desdobramentos até chegar ao ponto final da obra.

Deste modo, nas páginas deste diário, registro meus pensamentos mais íntimos, inspirações e desafios. É onde as ideias ganham vida, onde as experimentações nas salas de ensaio do espetáculo “Anacrônico” são documentadas de maneira particular. Assim, neste registro minucioso reside a essência do espetáculo, cuja criação foi moldada na premissa de que a arte não é apenas o produto final, mas sim, o resultado de um processo de criação.

O espetáculo intitulado "Anacrônico", é uma peça autoral que surgiu a partir de uma criação coletiva da turma de Montagem do semestre 2023.1, com discentes dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Teatro da UFPB, dirigido pela Prof. Dr^a. Lúcia Serpa. Explorando o tema central - “Tempo”-, a encenação investiga os ciclos da vida desde os primórdios até os desafios da modernidade, que mescla diversas perspectivas sobre o “Tempo”, a encenação busca desvendar questionamentos universais: o que aconteceu no princípio dos tempos? Como vivemos e percebemos o tempo ao longo de nossas vidas? Quais as memórias que guardamos da infância, dos aniversários e das diferentes fases da existência? "Anacrônico" tece uma tapeçaria teatral que abre suas tramas em uma reflexão sobre a natureza efêmera e eterna do tempo, convidando o público a refletir sobre sua própria relação com essa dimensão fundamental da experiência humana.

Neste trabalho de conclusão de curso, direciono meu olhar meticuloso para quatro cenas específicas de "Anacrônico": "Dentro de um coração que não bate mais", "Nós Combinamos de Não Morrer", "Manifesto" e "Pequeno Ogum". Meu objetivo não

é apenas narrar os resultados finais dessas cenas, mas também detalhar os caminhos percorridos, as reflexões tecidas e as transformações vivenciadas durante seu processo criativo. Por meio de uma análise detalhada do meu diário de bordo, busco contextualizar a relação íntima entre o meu trabalho de ator e a encenação, compreender o impacto do tema "Tempo" na criação de quatro cenas do espetáculo "Anacrônico". Desta forma, este trabalho aspira a não só narrar minha jornada como ator em "Anacrônico", mas também a enriquecer o entendimento da interconexão entre o processo criativo, o tema central da peça e a essência da arte teatral.

Portanto, convido o leitor a embarcar nesta jornada não convencional, onde as páginas deste trabalho se transformam em um diário de bordo repleto de memórias, reflexões e imagens, em sua forma mais genuína e íntima. Que cada palavra e fotografia transmitem não apenas os detalhes do espetáculo "Anacrônico", mas também a emoção e a dedicação que permearam cada momento desta vivência teatral.



2. No Princípio era um palco vazio !

Ao ingressar na graduação em Bacharelado em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba, fui recebido pelo evento "InterArtes", uma mostra dos trabalhos desenvolvidos dentro dos cursos de licenciatura e bacharelado. Entre as apresentações estava "A Cabeça", o espetáculo de conclusão do curso de bacharelado em teatro do ano de 2019, que despertou em mim um desejo fervoroso de retornar a vivência dentro da criação de um espetáculo teatral. Foi assim que, em 2023, meu desejo se tornou realidade. Junto com colegas de turma, traçamos o objetivo de convencer três professoras a nos acompanhar na construção de nosso espetáculo de finalização de curso.

"A-NA-CRÔ-NI-CO", como o próprio nome sugere, é uma palavra associada ao "Tempo", que segundo o Dicionário Online de Português, "Que não obedece a sucessão normal do tempo; contrário à cronologia. Que se opõe ao que é cronológico, à ordem natural dos acontecimentos", logo, o espetáculo não tem o intuito de seguir uma linha cronológica em sua dramaturgia. Foi desenvolvido através de uma criação coletiva pelos alunos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Teatro da Universidade Federal da Paraíba, envolveu treze atores: Bruno Constantino, Eduardo Carvalho, Guilherme Munir, eu - Iago Andrade, João Vitor Santos, Juliana Moreira, Letícia Saad, Mary Quaresma, Maurílio Araújo, Rute Prazim, Samara Tacyane e Wedna Tânia - juntamente com três professoras que desempenharam papéis de coordenação: Prof^a. Dr^a. Lúcia Serpa na direção, Prof^a. Dr^a. Adriana Fernandes na preparação vocal e Prof^a. Dr^a. Márcia Chiamulera na preparação corporal.

Nasceu então "Anacrônico", uma ode ao tempo e à vida, que convida o espectador a refletir sobre essas temáticas em um mundo em constante transformação, explorando suas complexidades em diversas nuances, desde os mistérios do começo dos tempos até os desafios contemporâneos, como a pandemia. Cada cena é um mergulho nesses questionamentos, onde nós artistas nos tornamos os autores de nossas próprias histórias, com todas as suas emoções e experiências. Essa fusão entre o passado e o presente, entre a individualidade e a coletividade, é representada no palco.

A peça não nasceu de um roteiro pré-definido, mas sim de um processo de criação coletiva, ou seja, “um espetáculo que não é assinado por uma só pessoa (dramaturgo e encenador), mas elaborado pelo grupo envolvido na atividade teatral. Com frequência, o texto foi fixado após as improvisações durante os ensaios, com cada participante propondo modificações”. (PAVIS, 1947, p.78) Assim, se organizou a criação de “Anacrônico”. Logo nos primeiros dias de encontro, essas improvisações surgiram a partir de questionamentos tendo como ponto de partida o tema central “Tempo”, no coletivo refletimos sobre diferentes perspectivas temporais, desde as fases da vida até os períodos históricos que antecederam o ano de 2023, como por exemplo: "O que é o tempo para mim?", "Como foi meu tempo de infância?" e "Como é meu tempo hoje?" foram essas questões que nos conduziram à criação.

Através dessa dinâmica percebemos a importância de explorar nossas próprias memórias como ponto de partida, e assim como as memórias não seguem uma linha cronológica estrita, optamos por não manter essa linearidade na dramaturgia do espetáculo. Inicialmente, reunimos fragmentos de memórias, textos, poemas e até mesmo composições musicais, utilizando-os como fontes de inspiração e reflexão. Para alimentar esse processo criativo, criamos até mesmo uma playlist no Spotify, buscando provocar de forma positiva nossos impulsos criativos.

Assim como as memórias não seguem uma linha cronológica, eu registrei, da minha própria maneira, a construção das cenas e diversas reflexões no meu diário de bordo. Por meio desse material pude revisitar as memórias vividas durante a jornada de criação do espetáculo. O diário se tornou muito mais do que um simples registro das minhas experiências; ele se transformou em uma ferramenta indispensável para compor e documentar os diferentes momentos vividos nos ensaios, desde os estágios iniciais até o processo final da montagem. Com esse diário, escolhi transformar este trabalho em um relato particular do meu processo criativo. Essa escolha visa não apenas compartilhar minha experiência como ator, mas também oferecer uma visão detalhada e íntima do processo de criação de "Anacrônico". Uma vez que concordo que, “O diário do artista e do artista/professor também pode ser visto como um arquivo pessoal para aquele que o cria. Ele não é apenas um processo de escrita e

desenvolvimentos artísticos contínuos, é objeto de pesquisa e reflexão. Ao elaborarmos um diário, podemos entendê-lo como um 'autoavaliar-se', pois este procedimento imbui a perspectiva crítica de autoquestionamento (Tharciana, 2015, p.1102)".

Dessa maneira, optei por fazer um recorte de quatro cenas que compõem o espetáculo: 'Dentro de um coração que não bate mais', 'Nós Combinamos de não morrer', 'Manifesto' e 'Pequeno Ogum'. Busco expor de maneira íntima o processo criativo em cada cena, as dificuldades enfrentadas, os questionamentos levantados e as soluções encontradas ao longo do caminho. Desde os estágios iniciais de concepção até a finalização para levar ao palco. Ao compartilhar os detalhes da minha experiência, espero que essas reflexões possam inspirar outros artistas a explorar o potencial transformador da criação teatral e do registro reflexivo em seus próprios trabalhos.

“No palco, o Senhor do Tempo vai caminhando lentamente enquanto um escritor/escritora vai criando uma história a partir de suas próprias lembranças.” (Anacrônico,2023).



3.O vazio deixado por quem se ama !

Minha experiência ao escrever uma cena para o espetáculo "Anacrônico", intitulada "Dentro de um coração que não bate mais", foi profundamente impactante, uma vez que a cena representa o período da pandemia de COVID-19 que a humanidade enfrentou nos anos de 2020 a 2022.

Quando a diretora sugeriu a criação dessa cena, a ideia inicial seria abordar questões sobre as dificuldades do isolamento e a resistência ao uso de máscaras para a prevenção do vírus da COVID-19. No entanto, essa abordagem não refletia minha própria experiência durante a pandemia e de tantas outras pessoas. Segundo Boaventura (2020,p.10), "A pandemia é uma alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível".

Ressalto que, a vivência da pandemia envolveu momentos de isolamento social, trabalho presencial, infelizmente, uma perda imensurável. Neste caso, acreditava ser impossível abordar essa tragédia sem mencionar a

quantidade de vidas perdidas para a COVID-19, dentre elas a da minha Mãe, Terezinha de Jesus Andrade da Silva.

Foto 03: Imagem usada para compor a projeção da cena "É Aniversário de Todo Mundo".



Fonte: Acervo pessoal, na foto Iago Andrade e sua mãe Terezinha.

Eu gostaria que na cena estivessem evidentes todas as problemáticas que ocorreram nesse período. Componho uma cena que representa uma unidade de saúde em completo caos, na qual abordando alguns dos desafios enfrentados durante a pandemia, tais como: falta de oxigênio, as dificuldades na hora de entubar o paciente e a alta taxa de mortalidade em rápida escala.

Com a ajuda de alguns amigos, essa cena foi sendo escrita antes de irmos para a sala de ensaio. Conteï com a colaboração de dois colegas de trabalho, João Vitor Santos e Samara Tacyane, que me ajudaram a compor a proposta da cena da pandemia para levar a sala de ensaio.

Inicialmente, concebi uma cena ambientada em uma unidade de saúde, onde dois pacientes estavam deitados em macas hospitalares, cada um conectado a um cabo de oxigênio que, na verdade, ligava-se a um smartphone. Dois enfermeiros também estavam presentes na cena, e à medida que esta se desenrolava, os atores trocavam de lugar com

outros atores posicionados fora do palco, enquanto os enfermeiros narravam o aumento no número de óbitos.

A cena foi aceita e levada para a sala de ensaios, onde foi desenvolvida. Todo o espetáculo foi construído através de improvisações, mesmo quando um texto preliminar era introduzido. Esse texto servia como base para as improvisações, moldando assim a cena de acordo com as interações dos atores.

Após os experimentos dentro do processo de criação nas salas de ensaios, a cena adquiriu uma forma leve e precisa para ser apresentada aos espectadores. Introduzimos elementos simbólicos, como as máscaras e as macas hospitalares, e mantivemos a narração como um elemento central, fornecendo contexto e profundidade à encenação.

CENA 07
DENTRO DE UM CORAÇÃO QUE NÃO BATE MAIS

(Som de sirene de ambulância. Ao fundo projeção do eletrocardiograma. Isabelle toca o cello. A fileira se desfaz. Eduardo e Rute vão para os praticáveis.)

(Samara entra e senta em frente à máquina de escrever. Poetisa e violoncelista contracenam no texto - Isabelle e Samara.)

SAMARA: Becos, estradas, vielas vazias
 O vazio deixado por quem se ama
 A solidão dentro de casa com a própria família
 Num cômodo não cabe tanta agonia
 Desigualdade...luta pela vida...
 A preocupação é manter a economia
 Descaso desde o primeiro caso
 Solta o verbo, prende a verba
 Escolheu usar a máscara nos olhos
 Lavou as mãos com cloro, apostou na quina
 Quem pagou o prêmio foi o povo
 No final, o vírus maior foi a falta de empatia

(Ao som do cello, os praticáveis descem lentamente com os corpos. João e Iago entram em cena e puxam os corpos para trás. Os dois se olham e falam.)

¹ Texto retirado da dramaturgia do espetáculo "Anacrônico", cena "Dentro de um coração que não bate mais".

A cena se inicia com o som de uma sirene de ambulância, momento em que todos os atores se dirigem para a frente do palco e colocam lentamente suas máscaras. Essa ação de colocar as máscaras no rosto é realizada de maneira pausada, enquanto a cena assume um ritmo mais lento, criando uma atmosfera de espera visual para o espectador.

Foto 04: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” 1.



Fonte: Acervo fotográfico do espetáculo “Anacrônico”.

No momento, após a formação da parede de atores em frente ao palco, dois atores se dirigem para os praticáveis que em pé nessa cena representam as macas hospitalares. Enquanto a narração é feita, os atores permanecem imóveis em frente aos praticáveis, mantendo a atenção do público na narrativa que está sendo apresentada. A cena finaliza com os praticáveis sendo baixados por outros dois atores, que fazem dois papéis nessa cena, sendo estes: o de maqueiro e coveiro.

Foto 05: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” atores na maca 1.



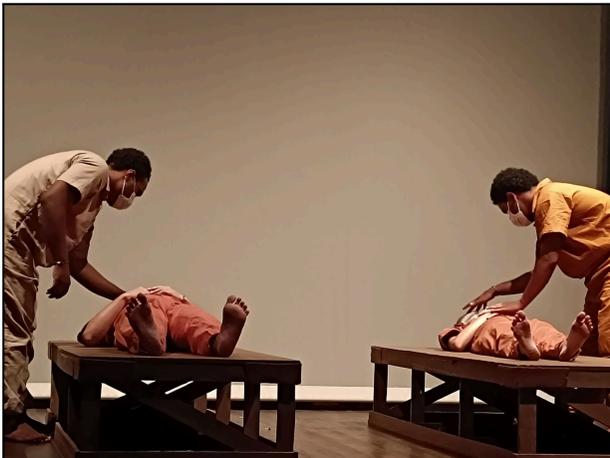
Fonte: Acervo fotográfico do espetáculo “Anacrônico”.

² Praticáveis ou Praticável: “Parte do cenário constituída por objetos reais ou sólidos que é utilizada em seu uso normal, particularmente para nele se apoiar, caminhar e evoluir como em um plano cênico firme. O praticável, hoje, é empregado com muita frequência não como objeto decorativo, mas funcional. Tomou-se elemento ativo do cenário como máquina cênica ou máquina teatral.” (PAVIS, 1947, p.304)

Foto 06: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” atores na maca 2.



Foto 07: Cena “Dentro de um coração que não bate mais” 2.



Fonte: Acervo fotográfico do espetáculo “Anacrônico”.

As figuras do maqueiro e do coveiro sugerem metáforas sobre como a sociedade enfrentou a pandemia de COVID-19 em que algumas pessoas distribuíram expressões de afeto e cuidado, enquanto outros pareceram simplesmente permitir que o número de óbitos aumentasse, refletindo a complexidade e as falhas em lidar com uma crise de tal magnitude.

A composição final da cena "Dentro de um coração que não bate mais" contemplou os elementos que inicialmente imaginei e até mesmo superou minhas expectativas. Nos pequenos detalhes, a cena tornou-se uma reflexão sobre um período de dor e irresponsabilidade dos órgãos públicos.

Os autores do estudo concordam que a demora na adoção das medidas de saúde pública necessárias para o controle da Covid-19 no Brasil agravou a disseminação da doença, resultando em perdas de vidas humanas que poderiam ter sido evitadas. “Como consequência da gestão inadequada da pandemia, além de criar uma legião de órfãos, o Brasil perdeu cerca de 19 anos de vida produtiva devido à morte de adultos jovens por Covid-19”. (FIOCRUZ,2022)



3.1 A Juventude negra agora tem voz ativa !

Inicialmente, as cenas "Nós Combinamos de Não Morrer", "Manifesto" e "Meu Pequeno Ogum" eram concebidas como uma única cena, abrangendo todas as três partes. No entanto, durante o processo criativo e as improvisações, houve a necessidade de dividir essa cena em três partes para melhor explorar e desenvolver cada elemento. Ao longo desse processo, foram introduzidas duas outras dramaturgias entre a primeira e a segunda parte, e entre a segunda e a terceira parte. Essa reorganização deu um melhor ritmo à cena, evitando que a narrativa se tornasse monótona e arrastada.

Surgiu a partir de uma provocação da nossa diretora, Lúcia Serpa, que impulso eu e João Vitor Santos, meu parceiro de cena, a trazer uma cena para o espetáculo "Anacrônico", como seria para nós, atores negros, compartilharmos nossas experiências dentro dessa sociedade violenta e transmitir em cena a importância de nossas presenças no palco. Para isso, João Vitor Santos, reuniu fragmentos de diferentes fontes, como "Farinha com Açúcar"

de Jessé Oliveira, "Madame Satã" e letras do rapper brasileiro "Djonga", para criarmos a dramaturgia da cena. No palco, dois atores negros, um homem cisgênero e outro homem transgênero, que narram de uma maneira poética as suas vivências como pessoas pretas através de dois personagens, alternando entre interações afetuosas com os espectadores e momentos de reconhecimento e acolhimento mútuo.

Foto 09: Cena "Nós Combinamos de Não Morrer".



Fonte: Acervo fotográfico do espetáculo "Anacrônico".

Durante o processo criativo da cena, em conversa com João sobre a construção dos personagens, me inspirei em uma encenação de Johnny Salaberg de seu próprio texto "Buraquinhos, ou, O Vento é inimigo do Picumã". Este texto narra a história de um menino que, ao ir à padaria, leva um enquadro policial, desencadeando uma saga pela sobrevivência. Essa referência influenciou na construção do meu personagem, na maneira de falar e movimentação em cena. Empreguei elementos da performance de Johnny e trouxe para a cena, especialmente a representação de uma criança que narra uma história difícil, mas também compartilha suas aspirações para o futuro.

Outra referência de representativa negra, está na frase "A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER", que abre a cena, é uma referência ao conto que está na obra 'Olhos D'Água' de Conceição Evaristo. A escolha das referências, tanto textuais quanto para a performance da atuação, foi cuidadosamente pensada para unir algumas dessas pessoas que trazem representatividade para a população negra.

Fotos 10 e figura 11: Foto da esquerda ator Iago, foto da direita ator João. Cena "Nós Combinamos de Não Morrer".



Fonte: Acervo fotográfico do espetáculo "Anacrônico".

Nessa cena, essas referências textuais são incorporadas, resultando em um diálogo poético entre os dois personagens "Iago e João". Os dois conversam sobre seus desejos e aspirações no mundo, e a essência desses personagens nessa cena é a de duas crianças sonhadoras, cheias de querereres.

IAGO: Eu andava pela rua e não sabia mais onde estava, eu estava em Uganda, Roraima, Cabo Verde, Salvador, Mali, Rio de Janeiro, Nigéria, Minas, Luanda, Maranhão, Rio Grande do Sul também, por que não? Parahyba, estamos na Parahyba, porque eu sou, nós, eu nós, eu sou nós. (Anacrônico, 2023, p.12)

JOÃO: Eu estudei como quem não tem tempo a perder, como quem fosse morrer amanhã, sem manhã. Porque eu sou cheio de querer, eu queria ser professor-cantor-poeta-dj-dançarino-músico-ator-operário-escritor. (Anacrônico, 2023, p.12)

Os trechos mencionados foram adaptados da dramaturgia de "Farinha com Açúcar", concebida por Jessé Oliveira, porém, foram modificados para se entrelaçar com a essência da dramaturgia "Anacrônico". Nessa composição, é feita uma ligação entre estados brasileiros e países da África, destacando o Brasil como o segundo país com a maior população negra no mundo, logo após a África. Traz a reflexão de que corpos negros têm o direito de alcançar qualquer lugar que desejem, de ir e vir dentro da sua liberdade.

Na segunda fala, é trazida uma reflexão sobre a desigualdade social entre pessoas negras e brancas. É destacado como pessoas negras muitas vezes são impostas a cargos subservientes em comparação com pessoas brancas, devido ao racismo estrutural presente na sociedade. A fala expressa o desejo comum de nós pessoas negras de serem capazes de assumir qualquer profissão que desejarmos, mas que frequentemente têm esse sonho impedido devido às barreiras impostas pelo racismo.

No desenrolar da cena, o diálogo também contempla reflexões sobre como essas personagens trazem, a partir de suas realidades de vida, noções sobre o "Tempo", que está intrinsecamente relacionado ao tempo de vida e morte.

A finalização da cena é marcada por um momento de carinho, pelo reconhecimento mútuo entre os dois personagens, que se identificam um com o outro, reconhecendo seus corpos, histórias e trajetórias de vida. Esse momento de carinho é essencial na cena, culminando com os dois atores se unindo ao centro do palco em um contato improvisado e finalizando a cena.

CENA 08
NÓS COMBINAMOS DE NÃO MORRER

IAGO E JOÃO: A gente combinamos de não morrer!

(Os dois vêm para frente. Sai luz do fundo do palco.)

JOÃO: *(do palco fala para plateia):* Eu li Malcolm X como quem come com fome, eu mastiguei aquilo, eu madruguei com aquilo, eu amanheci com aquilo... Aquelas páginas, depois de pousarem em mim, fizeram morada em mim, me deixaram o peito aquecido, fervente, o cérebro altivo, o nariz-cabelo-pele reluzentes.

IAGO E JOÃO: “A juventude negra agora tem a voz ativa”. *(colocando um paletó no outro)*

(Enquanto Iago vai andando, João vai balançando a parte de trás do paletó, como se ele voasse. Ritmo alto.)

IAGO: Eu andava pela rua e não sabia mais onde estava, eu estava em Uganda, Roraima, Cabo Verde, Salvador, Mali, Rio de Janeiro, Nigéria, Minas, Luanda, Maranhão, Rio Grande do Sul também, por que não? Parahyba, estamos na Parahyba, porque eu sou, nós, eu nós, eu sou nós.

(O Eremita entra, caminhando lentamente, atravessando o palco. Os dois olham a caminhada do tempo, desaceleram e falam olhando para o Eremita.)

JOÃO: Eu me pergunto quando o tempo se entrelaça pela dor e demora a sarar?

IAGO: Durante muito tempo, também tive um sol a inundar a nossa casa inteira, tal a pequenez do cômodo. *(Tira o paletó e dobra)*

JOÃO: Eu não sei por quê, ele olhava o tempo e nos chamava para imaginar em que lugar morava a esperança.

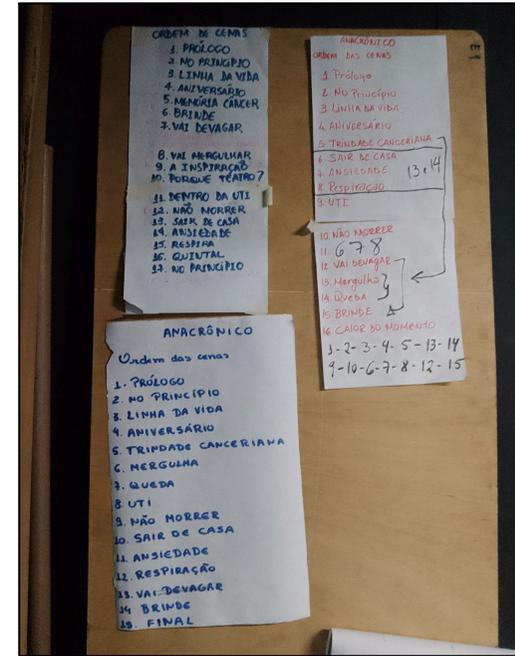
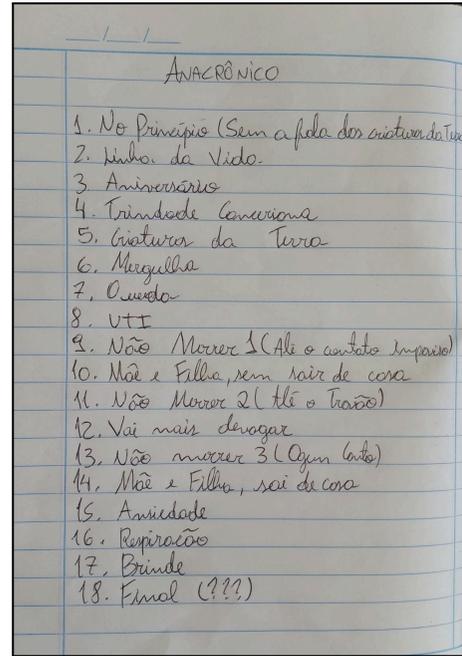
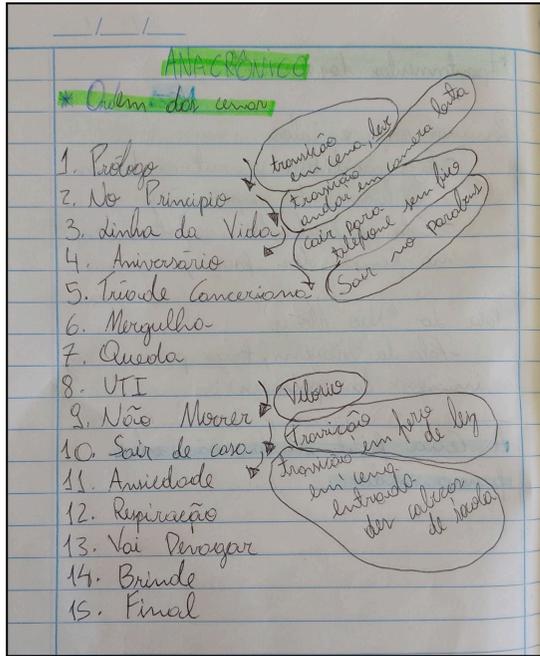
(Tiram o olhar do Eremita e retornam para o diálogo entre eles. Volta um ritmo mais acelerado)

JOÃO: Eu estudei como quem não tem tempo a perder, como quem fosse morrer amanhã, sem manhã. Porque eu sou cheio de querer, eu queria ser professor-cantor-poeta-dj-dançarino-músico-ator-operário-escritor.

(Os atores se levantam, unem-se no centro do palco. Saí geral, fica o foco central. Eles tocam seus corpos até ficarem abaixados. Sai o foco central e entra o corredor do fundo.)

³ Texto retirado da dramaturgia do espetáculo “Anacrônico”, cena “Nós Combinamos de Não Morrer”.

Fotos 12, 13 e 14: Fotos 12 e 13 são registro de diário de bordo com sequência diferente das cenas e 14 a organização final da sequência das cenas do espetáculo.



Fonte: Acervo pessoal do meu diário de bordo e anotações da sala de ensaio do espetáculo



3.2 Se vós não conseguir vós grita !

A cena que sucedeu "Nós Combinamos de Não Morrer" foi intitulada "Manifesto". Fragmentos dessa cena foram adaptados a partir de recortes da dramaturgia "Cartas a Madame Satã" de José Azevedo. Esta cena representa uma declaração de resistência, um grito pela existência. Esse manifesto é expresso através do afeto, com um "Eu Te Amo" declarado no palco de um personagem para o outro, neste ato de reconhecimento mútuo. Em seguida, esse mesmo "Eu Te Amo" é dirigido diretamente às pessoas negras na plateia.

Depois, ao retornarmos ao palco, esse manifesto se intensifica na corporeidade e na fala, assumindo uma forma que incorpora signos de alguns orixás guerreiros, como Iansã, Oxóssi e Xangô, além da presença de Yemanjá, mãe de todas as cabeças. Esses signos colocam uma dimensão espiritual e ancestral à cena.

JOÃO: A nossa existência é maciça, é vida que brota dos poros, é solo que vira dueto, é duelo com a morte, é roda de escuta que enxuga todo o sangue derramado por corações rijos.

É sorte ter a espada e a lança.

IAGO: Ogum e Oxóssi, Iemanjá e Iansã: pega eles para ferida ficar sã, põe para correr, bota para falar, faz sentar para poder ouvir, escutar, compreender, diz que é para ver e para quem não sabe, saber.

JOÃO: Se vós não conseguir vós grita, grita que nós ouve e mexe os nossos búzios-microfone, a gente tem nome. Não tem troco e agora é sem tronco. É isso... (Anacrônico, 2023, p.13)

Neste manifesto, portanto, esse GRITO é sobre reconhecer e valorizar as representatividades negras, a nossa história, nossa ancestralidade, nosso presente e nosso futuro. É sobre mostrar a relevância de ter dois atores negros no palco, contando sobre suas vivências que se assemelha com as experiências de tantas outras pessoas negras em todo o Brasil. A mensagem é objetiva: o teatro não apenas reflete a vida, mas também tem o poder de alcançar e impactar diretamente aqueles para quem foi concebido, permitindo que eles se vejam e se sintam representados.

Foto 16: Cena “Manifesto”.



Fonte: Acervo fotográfico do espetáculo “Anacrônico”.

Durante o processo criativo dessa cena, compartilhei com João minhas dificuldades em dar voz à potência dramática da cena. Como um homem negro transgênero, enfrento desafios únicos que muitas vezes me deixam sem palavras, me sinto incapaz de reagir diante de situações opressivas. Na sala de ensaio com o João, conversamos sobre uma luta interna de querer reagir, mas muitas vezes engolir as palavras que não saltam a boca, e como enfrentar isso e trazer para a cena, personagens que vão contra essa resistência da fala, que não tem o posicionamento de baixar a cabeça, personagens que gritam, que batem de frente, personagens que não tem medo.

Foi nesse contexto de busca por expressão e enfrentamento das próprias limitações que me deparei com um personagem que se tornaria a fonte de inspiração primordial para a construção do meu: “Roque”, interpretado pelo ator Lázaro Ramos no filme “Ó Paí Ó!”. A figura de “Roque” irradiava uma energia inegável, uma presença poderosa, uma voz que se recusa a ser silenciada e uma corporeidade que expressa uma força energética.

Em "Roque", descobri os elementos que precisava para dar vida ao meu próprio personagem na cena do manifesto ao lado do meu amigo João. Encontrei nele não apenas uma referência, mas uma REPRESENTATIVIDADE VIVA da força que buscava transmitir na minha performance.

Foto 17: Personagem "Roque" interpretado por Lázaro Ramos no filme Ó Paí Ó - 2007.



Fonte: Imagem retirada da Web, site Globo filmes.

Foto 18: Ator Iago na cena "Manifesto".



Fonte: Acervo fotográfico do espetáculo "Anacrônico".

(Apagam-se as luzes. Volta para o final da cena anterior. Luz Frontal.)

CENA 10
MANIFESTO

IAGO E JOÃO: Ei, VOCÊ: eu te amo. Agora eu sei disso, como quem sente a água fria da chuva cair na cabeça enquanto pisa uma poça no chão. Ei, VOCÊ! Eu te amo!

IAGO: Esse é o nosso manifesto pela existência: a potência do possível das vidas, o respiro, mesmo sob os escombros, o efêmero de nós que fica, a gente “plura” e se refaz. A batida do nosso coração não é em vão, os vãos da vida vão, o sangue que escorre hoje, de ontem e de sempre, vai ser lavado agora.

JOÃO: A nossa existência é maciça, é vida que brota dos poros, é solo que vira dueto, é duelo com a morte, é roda de escuta que enxuga todo o sangue derramado por corações rijos. É sorte ter a espada e a lança.

IAGO: Ogum e Oxóssi, Iemanjá e Iansã: pega eles para ferida ficar sã, põe para correr, bota para falar, faz sentar para poder ouvir, escutar, compreender, diz que é para ver e para quem não sabe, saber.

JOÃO: Se vós não conseguir vós grita, grita que nós ouve e mexe os nossos búzios-microfone, a gente tem nome. Não tem troco e agora é sem tronco. É isso...

IAGO: Está dito e eu não repito. Falei. Vós escutou?! E tenho dito...

(Surge um som de trovão. Apaga a luz frontal. Entra corredor do fundo. Juliana coloca roupa para secar.)

⁴ Texto retirado da dramaturgia do espetáculo “Anacrônico”, cena “Manifesto”.



3.3 Que você seja quem você quiser ser !

Nesta cena, a narrativa tem como foco a relação entre pai e filho, criando uma atmosfera de refúgio e acolhimento. Na encenação, eu represento a figura paterna, enquanto João representa o filho. Através dessa representação simbólica, a cena explora como se dá esse laço familiar entre essas duas figuras sociais. A imagem do filho buscando abrigo no colo do pai, sugere tanto a necessidade de proteção e segurança da infância quanto a busca por conforto e orientação na vida adulta. É um momento de espelhamento, onde a figura paterna representa não apenas um guia, mas também um símbolo de força e segurança para o filho em seus primeiros passos na vida.

Essa cena se configura em um único momento, uma canção de ninar que o pai canta para o seu filho. Para essa canção foi escolhido colocar na cena o trecho da música "Canção pro meu filho", do rapper Djonga, é uma música que expressa o afeto e orientação paternal. O cantor narra sua jornada como pai e a responsabilidade de transmitir valores e proteger seu filho. Ele descreve os desafios e preocupações

enfrentados ao guiar seu filho pelos caminhos da vida, a música transmite uma mensagem de esperança e amor, destacando a importância dos laços familiares e do legado que é passado de uma geração para outra.

A cena "Pequeno Ogum" é como um elo que une os pequenos detalhes das cenas anteriores, em uma narrativa poética. Entrelaçando a cena "Nós Combinamos de Não Morrer" e trazendo para esta, existe a angústia de um pai preocupado com o retorno seguro de seu filho diante das ameaças e opressões que as pessoas negras enfrentam diariamente. Já na relação com "Manifesto", a coragem de se posicionar diante das injustiças, sabendo dos riscos e incertezas que isso pode acarretar.

Na cena "Pequeno Ogum", esses detalhes se fundem, A imagem pai e filho não é apenas um gesto de afeto, mas também um símbolo poderoso de segurança e proteção em meio à sociedade racista. É como se, através dessa cena, pudéssemos vislumbrar a garantia de que, apesar dos desafios e perigos fora de casa, os personagens das cenas anteriores conseguem retornar para casa VIVOS.

(Volta para o final da cena anterior)

CENA 12
MEU PEQUENO OGUM

IAGO: Meu pequeno Ogum, me ensina a batalhar, a vida do seu lado é uma escolha *(cantando)*
Que você seja um homem justo, que você seja o que quiser ser, Jorge.

(Apaga o foco central. Entra o corredor do fundo. Iago e João saem de cena. Leticia, ao fundo, agora sozinha, olha para os lados, caminha para a frente, acende o foco central. Ela fala.)

⁵ Texto retirado da dramaturgia do espetáculo "Anacrônico", cena "Pequeno Ogum".

4. Considerações Finais

O processo criativo do espetáculo "Anacrônico" foi uma verdadeira jornada de autodescoberta. Ao longo deste diário de bordo busquei registrar detalhadamente a verdadeira essência das experiências vivenciadas no processo criativo, ele então, se revelou não apenas como um registro íntimo de ensaios e performances, mas como um testemunho vivo que acompanhou cada passo do meu caminho. Ao revisitar as cenas específicas: "Dentro de um coração que não bate mais", "Nós Combinamos de Não Morrer", "Manifesto" e "Pequeno Ogum", pude relembrar as inspirações que moldaram cada momento da encenação. Cada cena foi uma oportunidade não apenas de criar, mas de explorar a relação com o tema central da peça: o Tempo.

Ao longo da montagem desse espetáculo, descobri novas facetas da minha capacidade de criação. Cada ensaio foi uma jornada de autoconhecimento, onde pude explorar limites e ultrapassar barreiras, dentro do campo da atuação, dramaturgia, em cada parte da encenação. Através do diário de bordo, pude reconectar-me com os momentos do processo criativo, as descobertas e os desafios superados. Foi um lembrete poderoso de que o Teatro é uma jornada de confronto com o desconhecido. À medida que encerro este diário de bordo, levo comigo as lembranças e aprendizados vividos do espetáculo "Anacrônico". Que este registro seja não apenas uma testemunha do meu percurso como artista, mas também um convite para todos aqueles que buscam compreender o funcionamento de um processo de criação coletiva.

***Um palco vazio!
No princípio era um palco vazio.
E como se viu?
Um feixe de luz sobre o palco surgiu.
(Anacrônico, 2023)***

REFERÊNCIAS

ANACRÔNICO. Montagem de Teatro 2023. (Peça Teatral, dramaturgia não publicada).

AZEVEDO, José Fernando Peixoto. Cartas a Madame Satã ou Me desespero sem notícias suas. *In*: LIMA; E. e LUDEMIR, J. (org.). **Dramaturgia Negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018, p. 235-262.

BATISTI, Elisa. **O Contato e o Teatro como acontecimento de convívio**: uma investigação do processo criativo da atriz. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Artes Cênicas) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, nov. 2017.

BRANCO; Carolina; JORGE; Sofia. O Diário de Bordo como elemento diferenciador na aprendizagem por projeto, experimental e artística. **Revista Matéria-Prima**, Lisboa, PT, vol. 5 (2): 154-161, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do Tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DJONGA. **Canção pro meu filho**. O menino que queria ser Deus, Ceia, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bp4C8klHp84>. Acesso em 4 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. A gente Combinamos de Não Morrer. **Olhos D' água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 62-68.

GARDENBERG, Monique, diretora. **Ó Pai, Ó !**. Globo Filmes e Europa Filmes, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7DA5c4umKA>. Acesso em 4 mar. 2024.

JENSEN, Joviana; SILVA, Tharciana Goulart da; LAMPERT, Jociele. A contribuição do diário de estudos para a docência em Artes Visuais. **Revista Anpap**, Santa Maria, SC, 2015.

LEVY, Bel. 21 de Dezembro de 2022. **Observa Infância: Brasil tem mais de 40 mil órfãos da Covid-19**. FIOCRUZ. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observa-infancia-brasil-tem-mais-de-40-mil-orfaos-da-covid-19>. Acesso em 22 mar. 2024.

OLIVEIRA, Jé. Farinha com Açúcar ou Sobre a sustância de meninos e homens. *In*: LIMA; E. e LUDEMIR, J. (org.). **Dramaturgia Negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018, p. 115-147.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves. “A gente combinamos de não morrer”: necropolítica e produção artística. **Conceição/Conception**, Campinas, SP, v.9, 2020.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução: J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SALABERG, Jhonny. Buraquinhos ou O Vento é inimigo do Picumã. *In*: LIMA; E. e LUDEMIR, J. (org.). **Dramaturgia Negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018, p. 149-182.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Portugal: Almedina, 2020.

SAPIÊNCIA, Rincon. **Coisas de Brasil**. SP Gueto BR, Boia Fria Produções, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7DA5c4umKA&t=139s>. Acesso 22 abr. 2024.

ANEXO - TEXTO DO ESPETÁCULO ANACRÔNICO

Dramaturgia Montagem

ANACRÔNICO

PRÓLOGO

(O palco está escuro e silencioso. Aos poucos, sons de vento vão tomando o espaço e no ciclorama são projetadas imagens de deserto, um feixe de luz surge, apenas do lado direito do palco. Percebe-se uma fila em formato de cortejo, com um atuante à frente segurando um estandarte. Representam o Espaço-Tempo anunciando-se. Dois atuantes batem em clavas, marcando o som do Tempo. Dá-se início a um batuque, com atabaque e alfaias. Os atuantes dão alguns passos à frente e páram. Um deles canta um aboio.)

ABOIO:

Trago agora essa toada
Porque ontem enxerguei
Todo pó da velha estrada
Que solitário encontrei.

Era tudo um fio de nada
Um broto na imensidão
Carne plantada na terra
No tempo da criação.

Já ontem antigamente
Hora breve de esquecer
Eterno passa ligeiramente
Quero tempo com você.

(Finalizado o aboio, dois atuentes tocam alfaias no ritmo das batidas de um coração. A luz do lado direito sai e entra luz do lado esquerdo do palco. Quatro Seres da Terra estão em volta do escritor, que escreve em uma máquina de escrever. O escritor começa suas reflexões.)

CENA 1 NO PRINCÍPIO

ESCRITOR: No princípio... o que havia?
Alguma coisa? nada? Uma força? Uma vida?
São tantas as versões de como teria sido o suposto primeiro dia.
O que veio primeiro?
Como tudo começou?
É preciso entender o pensamento do Criador...

No princípio... o vazio...
O vazio de espaço/tempo...

(o rosto se ilumina)

Um palco vazio!
No princípio era um palco vazio.
E como se viu?
Um feixe de luz sobre o palco surgiu.

(O Cortejo desfaz-se de seus instrumentos e inicia uma percussão corporal, distribuindo-se pela direita e centro do palco. Entra luz com baixa intensidade no lado direito. Os quatro Seres da Terra falam de forma ritmada, em consonância com o som produzido pelo grupo da direita. Os 4 seres viram o praticável do escritor para o lado de dentro do palco... o escritor olha as pessoas que fazem o ritmo, como se dali viesse a inspiração.)

FALA CANTADA: SERES DA TERRA

A inspiração

Desce, desce
Sobre mim
E escrevo, consolado. (2x)

ROCHA:
No princípio era o VERBO

AREIA:
No princípio era o SENSO

MAGMA:
No princípio a POTÊNCIA

BARRO:
No princípio ESPAÇO-TEMPO...

ESCRITOR: O ato! No princípio o ATO!!!

CORO (*repetindo*) - No princípio o ATO!!!

(O coro vira para a frente. O ritmo cessa. Há uma mudança de luz e na interpretação. Luz da direita aumenta a intensidade e sai luz da esquerda.)

LETÍCIA: Não, não, não... No princípio era o OVO!

ISABELE: Que ovo? No princípio era a GALINHA. Lembra que Deus deixou na terra um casal de cada espécie?

JULIANA: Não! Nem ovo, nem galinha. No princípio era o CAOS.

SAMARA (falando rapidamente): Isso! Tudo começou com a expansão violenta e repentina de uma partícula extremamente densa e quente. A explosão. O BIG BANG, gente!

IAGO (falando calmamente): TUPÃ criou todos os seres. Começou pelo céu e as estrelas, depois a água... e formou a terra com sua própria pele...

JOÃO: A ciência explica, pessoal! É a Teoria do Evolucionismo, do meu amigo Darwin. Tem a seleção natural e sobrevivem os indivíduos e as espécies melhor adaptadas. É tudo uma questão de evolução.

GUILHERME: Gente, no princípio era o VERBO e o VERBO era DEUS. Capítulo dois do GÊNESIS: O Senhor Deus, formou o homem do barro da terra e a mulher da costela do homem...

ISABELE: Não! Isso não... não vem com essa história da costela de Adão... *(sai irritada)*

LETÍCIA: Se vamos falar de deuses então não podemos esquecer dela, que é a origem de tudo: Gaia, a MÃE TERRA!

WEDNA: No Princípio era o Oceano Primordial... *(para frente)* Os egípcios diziam que é de onde provém e surge a vida. O Céu é o firmamento que separa as águas de cima e as de baixo.

(Sai luz da direita. Abre a luz da esquerda. Os Seres da Terra começam a movimentar o praticável para a frente, novamente.)

ROCHA: Então tudo começa na ÁGUA? E como nós, da TERRA, existimos?

BARRO: Tem aquela teoria do “tempo antes do tempo”, que viemos do OVO PRIMORDIAL.

ESCRITOR: Ovo de novo? Chega disso tudo!

AREIA: Ou tudo isso é uma forma de explicar sobre a mesma coisa... ou nada disso faz sentido... Terra de pele, ovo e galinha, explosão, deuses, águas de cima e de baixo...

MAGMA: Eu defendo a ideia de que no princípio era o sexo!

ESCRITOR: Para tudo!!! Parece que tudo faz sentido... o palco, o feixe de luz, o espaço, o tempo... No princípio era também a AÇÃO! ESPAÇO - TEMPO - AÇÃO... e nós fomos criados assim aqui na Terra... E qual é a melhor representação de tudo isso? No Princípio era uma mulher. No Princípio era uma mulher grávida. E assim começa o TEMPO aqui na Terra.

(Entra o som de um violoncelo. Sai a luz do escritor, que sai de cena. Entra a imagem de DNA ao fundo, girando no espaço, e lentamente se transforma em uma AMPULHETA, caindo lentamente em sua areia. Entra a luz do corredor da frente, Juliana entra pelo lado direito do palco. Abre a luz do corredor central e o Eremita entra pelo lado esquerdo, caminhando lentamente. Todos os demais atuentes passam a caminhar em câmera lenta em direção a praticáveis posicionados ao fundo do palco, onde dispõem-se em fileira, formando a Linha da Vida. À medida que o Eremita passa, os atuentes posicionados sobre os praticáveis congelam em uma imagem que remete, cada uma, a uma fase da vida.)

CENA 2 LINHA DA VIDA

ESCRITORA *(caminha costurando o Tempo no Ar):* Através dos tempos, o ser humano procurou incansavelmente despir a natureza de seus disfarces e descobrir a ordem oculta que rege o mundo visível. À medida que se ampliou o conhecimento humano, aumentou a perspectiva que o homem tinha do espaço e do tempo. Foi necessário aceitar a ideia de que o ser humano é apenas um entre os inumeráveis seres vivos que povoam a superfície da Terra desde o aparecimento da vida. Acalentado, nasce, desenha com as mãos e os pés, caminhos para estar de pé. O tempo passa, vamos descobrindo responsabilidades... o amadurecimento... As lembranças de nós, dos nossos, parte da gente entre as gerações, até que a terra nos convida a retornar, eis a morte...

(Sai a imagem de fundo, mudança de luz para aparecer a silhueta da Linha da Vida montada no fundo do palco)

(Juliana, junto à máquina de escrever, olha para a Linha do Tempo, até chegar no Eremita)

Esse é o tempo de uma vida.

O Tempo passa... caminha lentamente, sem parar... desde o Princípio dos Tempos...

(A luz muda. Entra geral e os corredores saem. Os atuentes sobre os praticáveis sentam-se e iniciam uma algazarra infantil, à exceção de Mary que assume o lugar de Escritor/escritora. Tem início a brincadeira do Telefone sem fio, passando por cada um da direita para a esquerda do palco até chegar na Escritora, que assume a brincadeira.)

CENA 3
É ANIVERSÁRIO DE TODO MUNDO

BANDOLIM: Abacaxi/Maracujá/Se o rei mandar/E se não for?

TODES: Xixi/Já já/Vou/Bolo

BANDOLIM: Hoje é aniversário de todo mundo!!!

(Os atuentes gritam e espalham-se pelo palco para organizar a festa, em duplas. Entra luz âmbar junto com a geral.)

MIMOSA (para Vitinho): Me fala do teu aniversário?

VITINHO: Do meu aniversário?

MIMOSA: Sim, do seu aniversário.

GRUDE: Eu não fiz festa quando fiz 20 anos. Teve a pandemia.

BOTÃO (para Lola): A sua festa foi em março ou em maio?

LOLA: A pandemia começou em março, mas meu aniversário foi em Maio.

BOTÃO: Não, foi em junho.

LOLA: Meu aniversário é em maio, 2 de Maio.

BANDOLIM (*com ironia*): Aniversário é um jeito interessante que inventaram para contar o tempo. E o tempo parece ter tomado conta de tudo.

DUDU (*para Lane*): Eu sonho com um aniversário que possa ir todo mundo. E eu possa dar atenção a todo mundo. Eu quero convidar todo mundo.

MIMOSA: No teu aniversário, teus amigos vão?

VITINHO: Então, assim, eu sempre fui meio na minha, sabe.

MIMOSA: Na sua, sei...

PATINHA (*para CABEÇA*): Tu se lembra do meu aniversário do ano passado? Tu tava né?! Foi na cidade Arapuca.

CABEÇA: Não, não lembro.

PATINHA: Eu não esqueço porque eu era a luz da cidade, todo mundo brilhava por minha causa. Foi meu primeiro aniversário depois da pandemia

CABEÇA: Eu nunca tive uma festa de aniversário, sabe, e eu nunca me importei, porque não era um costume na minha família. (*Isabele olha para Maurílio sem acreditar*)

BANDOLIM (*com ironia*): Aniversário é bom porque normalmente é um dia em que alguém lembra da gente.

LANE: Na minha festa de 5 anos, eu estava vestido de cinderela. Hoje sou meu próprio príncipe.

GRUDE: Eu tive o meu de 21 anos depois da pandemia... eu era uma fada, e todo mundo estava vestido de fada.

PATINHA: Eu achava que a pandemia já teria acabado no meu aniversário de 22 anos, mas não foi bem assim...

BOTÃO: O bolo foi de quê?

LOLA: O bolo de cowboy... estava estragado, estava azedo.

MIMOSA: Mas teve brigadeiro?

VITINHO: Brigadeiro tinha, né.

LOLA: E estava uma delícia.

BOTÃO: Ah, lembrei...foi em maio mesmo.

SASSÁ: Os meus aniversários perderam a graça, a gente fica assim quando perde alguém que ama muito.

BANDOLIM: Cada um carrega um monte de lembranças e vai fazendo uma relação com o tempo que passa.

GRUDE: O bolo chegou!!!

MIMOSA: O brigadeiro também.

LILO: Quando eu vi os meus bisavós na sala, segurando o bolo, eu entendi que não precisava de mais nada, eu já tinha tudo.

BANDOLIM *(olhando para GRUDE sozinha. Fala para ela.):* Vai. Vai. É hora da foto.

(Grude é a última a se colocar em frente a uma mesa imaginária, onde é depositado o bolo. Preparam-se para cantar os parabéns. Congelam. Projetada no ciclorama, uma colagem de fotos de aniversários dos atuantes.)

BANDOLIM: Geralmente concentramos boa parte de nossa energia pensando se alguém específico vai lembrar de nosso aniversário. E o pior é que possivelmente valorizamos mais o fato de alguém ter esquecido do que o carinho daqueles que lembraram. Acho que os momentos bons parecem poucos, porque supervalorizamos aquilo que não foi tão bom assim.

(O foco volta para a foto congelada. Descongelam, cantam "Parabéns para você, nessa data querida..." e congelam novamente. Uma das atuantes (Isabele) é a única que não está sorrindo. Enquanto ela fala, a foto vai se desmanchando, todos saem, exceto duas outras atuantes - Rute e Wedna. Continua luz geral. Sem o âmbar.)

CENA 4 **TRINDADE CANCERIANA**

(Cena dinâmica, com movimentação das atuantes e dos praticáveis.)

LUIZA, LANA E LAVÍNIA - Eu não tenho nenhuma foto sorrindo nesse momento até, sei lá, uns 9 anos...

LUIZA - Nunca soube como me sentir à vontade com 3 ou 30 pessoas me olhando e me desejando coisas de uma vida inteira para acontecer dentro de um ano. Aonde eu vou arrumar tempo em 365 dias pra conseguir tanto amor, tanta felicidade, tanta saúde e muitos anos de vida... Se do aniversário passado pra cá eu já tive dengue

LANA - Covid!

LAVÍNIA - Recebi uma carta da Serasa!

LUIZA - Meu espetáculo foi reprovado em todos os editais, e não vamos nem falar de um certo diagnóstico clínico... *(Lavinia não deixa que Luiza complete a frase)*

LANA - De um certo diagnóstico... *(Luiza não deixa que Lana complete a frase)*

LUIZA - Crescer em um dia é assustador. Ser uma mulher mais velha no espelho é aterrorizante.

LANA - Ninguém te avisa que você não é mais “a coisa mais linda do mundo”

LUIZA - Ninguém te avisa que você não é mais “a coisinha mais linda do mundo”

LAVÍNIA - Ninguém te avisa que você não é mais “aquela coisinha mais linda do mundo”

LUIZA - E então, outra pessoa ilumina o palco e é o tipo de brilho que você só tem enquanto eles amam a sua juventude.

(as três olham na mesma direção, como que observando essa juventude)

LANA - De repente sou grande demais para caber em antigos lugares e preciso me encolher para me encaixar em certos espaços. Agora, eu uso maquiagem para parecer mais jovem

LAVÍNIA - Mas só fico mais velha

LUIZA - E Nunca mais inteligente.

LANA - Às vezes eu penso que poderia ter brincado mais com meus colegas de infância

LAVÍNIA - Eu tava lá o tempo todo

LANA - Mas eles nunca ouviram o som da minha voz.

LUIZA - Aposto que, hoje, eu seria uma mulher mais comunicativa!

LANA - Falaria em público

LAVÍNIA - Falaria também de coisas que não gostei?

LUIZA - Sim!!

LANA - Eu nunca deveria ter quebrado todos os microfones de karaokê que eu ganhava até os 7 anos

LUIZA - não tenho dúvidas de que, hoje,

LANA/LUIZA - Seria uma ótima cantora!!

LAVÍNIA - Mas já estava escrito. Eu poderia ter ido embora do interior para ser atriz de cinema, como nesses filmes de sessão da tarde; Fazer da minha pressa uma cena num espetáculo; Tocar vários instrumentos; Ganhar prêmios na *Oscar*...

Mas viver paralisada em memórias dos anos passados e ainda lidar com as estações da vida me fez que a nostalgia é para as artes

Por que viver tem que ser para frente?

LANA - Oh, mulher, levanta! Isso é só teu sol em câncer com teu ascendente em câncer!

LUIZA - É muita água!

LAVÍNIA - Por isso eu prefiro viver na melhor memória que eu tenho...

(Começa a cantar a música Tic Tac da Floribella, com Wedna e Rute, brincando, divertindo-se... vão saindo)

(Entrar projeção de águas ao fundo. Atuantes, nas laterais, fazem sons de água, Leticia e Isabele fazem um canto de sereia.)

CENA 5 VAI MERGULHAR!

(Entram Wedna, Samara e Bruno como seres da água, tecendo o destino, com um cordão. Atravessam o palco se movimentando como as águas. Do outro lado, está João no praticável do ESCRITOR. Os seres da água puxam o praticável. Luz azul no palco todo. Corredor frontal.)

SUBMERSO: Existe um espaço-tempo entre cair e levantar, surge, um corpo-pessoa que se ergue pra percorrer trajetos cotidianos ou não. Todas as vezes que eu penso em ir, eu volto. É como se eu me desse conta de que estivesse à beira de um rio, e uma voz sussurrasse no meu ouvido.

AÇUDE: Vai. mergulha.

SALGADA: Mergulha...

CACHOEIRA: Mergulha ...

AÇUDE: Você sabe a imensidão que as águas têm.

SUBMERSO: Mas você continua ali na margem do rio. Há uma insegurança.

SALGADA: Por que não ousa mergulhar?

SUBMERSO: Preso fico, e só posso contemplar os movimentos que as águas fazem.

(Praticável é girado no centro do palco... sons de ventania, tempestade)

CACHOEIRA: Você já perdeu algum pedaço de si quando foi tombada por tempestades e ventanias?

SALGADA: Você já perdeu algum pedaço de si quando foi tombada por tempestades e ventanias?

AÇUDE: Você já perdeu algum pedaço de si quando foi tombada por tempestades e ventanias?

SUBMERSO: Você já perdeu algum pedaço de si quando foi tombado por tempestades e ventanias?

CACHOEIRA: Tem como sair ilesa?

SALGADA: Tem como sair ilesa?

JOÃO: Tem como sair ilesa?

AÇUDE: Tem como sair ileso?

SUBMERSO: A vontade é de mergulhar no rio... em um primeiro passo, os meus pés já imersos na água, uma aflição toma conta de mim. A boca cala, mas o coração grita.

CACHOEIRA e AÇUDE: *(repetem)*: O coração grita!

(Salgada, Açude e Cachoeira afastam-se para trás e João sai do praticável da máquina de escrever, tomando coragem para entrar na água e caminha até próximo ao tablado do fundo.)

CENA 6 QUEDA

(Guilherme e Eduardo entram empurrando o praticável da máquina de escrever para o outro lado da cena. Eles falam enquanto empurram...)

AZEVEDO *(na máquina de escrever):* Quando escrevo, é como se eu tivesse o poder de controlar o tempo. Cada sílaba desenha no papel do último suspiro ao primeiro choro. Tudo vira poesia. Até um desespero, uma aflição... As águas são nossas emoções... Não podemos ter medo delas...

(Azevedo fica no centro/frente do palco. Guilherme continua empurrando o praticável)

GUILHERME: Ainda que a dialética tome como solução o devir, o pensamento me salta do corpo em desvairados sonhos, e meu Espírito anseia por arrancar da Física seu livro das leis e atear-lo ao fogo. Liberto das correntes do tempo-espaço, navegaria no fluxo do eterno. Imerso em meu pensamento, o tempo se perde de meu olhar desatento. Quero voar e a gravidade insiste em me pesar o corpo do espaço detento. Eu busco inutilmente escapar desse ciclo sem fim. *(Azevedo começa a cair).* Tempo, lugar e ação são suficientes para definir o ser transitório que é tantos?

*(Azevedo cai e levanta, aumentando o ritmo. Exausto, respira forte e abre a boca. Outros quatro atores, atrás, falam juntos: **ME TIREM DAQUI!** e caem também. A luz vai saindo vagarosamente. Eles se levantam e fazem uma fileira no proscênio. Acende o corredor frontal. Eles olham para a plateia. Vagarosamente pegam uma máscara dentro do bolso e colocam.)*

CENA 07
DENTRO DE UM CORAÇÃO QUE NÃO BATE MAIS

(Som de sirene de ambulância. Ao fundo projeção do eletrocardiograma. Isabele toca o cello. A fileira se desfaz. Eduardo e Rute vão para os praticáveis.)

(Samara entra e senta em frente à máquina de escrever. Poetisa e violoncelista contracenam no texto - Isabele e Samara.)

SAMARA: Becos, estradas, vielas vazias
O vazio deixado por quem se ama
A solidão dentro de casa com a própria família
Num cômodo não cabe tanta agonia
Desigualdade...luta pela vida...
A preocupação é manter a economia
Descaso desde o primeiro caso
Solta o verbo, prende a verba
Escolheu usar a máscara nos olhos
Lavou as mãos com cloro, apostou na quina
Quem pagou o prêmio foi o povo
No final, o vírus maior foi a falta de empatia

(Ao som do cello, os praticáveis descem lentamente com os corpos. João e Iago entram em cena e puxam os corpos para trás. Os dois se olham e falam.)

CENA 08
NÓS COMBINAMOS DE NÃO MORRER

IAGO E JOÃO: A gente combinamos de não morrer!

(Os dois vêm para frente. Sai luz do fundo do palco.)

JOÃO *(do palco fala para plateia):* Eu li Malcolm X como quem come com fome, eu mastiguei aquilo, eu madruguei com aquilo, eu amanheci com aquilo... Aquelas páginas, depois de pousarem em mim, fizeram morada em mim, me deixaram o peito aquecido, fervente, o cérebro ativo, o nariz-cabelo-pele reluzentes.

IAGO E JOÃO: “A juventude negra agora tem a voz ativa”. *(colocando um paletó no outro)*

(Enquanto Iago vai andando, João vai balançando a parte de trás do paletó, como se ele voasse. Ritmo alto.)

IAGO: Eu andava pela rua e não sabia mais onde estava, eu estava em Uganda, Roraima, Cabo Verde, Salvador, Mali, Rio de Janeiro, Nigéria, Minas, Luanda, Maranhão, Rio Grande do Sul também, por que não? Parahyba, estamos na Parahyba, porque eu sou, nós, eu nós, eu sou nós.

(O Eremita entra, caminhando lentamente, atravessando o palco. Os dois olham a caminhada do tempo, desaceleram e falam olhando para o Eremita.)

JOÃO: Eu me pergunto quando o tempo se entrelaça pela dor e demora a sarar?

IAGO: Durante muito tempo, também tive um sol a inundar a nossa casa inteira, tal a pequenez do cômodo. *(Tira o paletó e dobra)*

JOÃO: Eu não sei por quê, ele olhava o tempo e nos chamava para imaginar em que lugar morava a esperança.

(Tiram o olhar do Eremita e retornam para o diálogo entre eles. Volta um ritmo mais acelerado)

JOÃO: Eu estudei como quem não tem tempo a perder, como quem fosse morrer amanhã, sem manhã. Porque eu sou cheio de querer, eu queria ser professor-cantor-poeta-dj-dançarino-músico-ator-operário-escritor.

(Os atores se levantam, unem-se no centro do palco. Sai geral, fica o foco central. Eles tocam seus corpos até ficarem abaixados. Sai o foco central e entra o corredor do fundo.)

CENA 09
VAI MAIS DEVAGAR!

(Rute entra no praticável do fundo)

BOTÃO: Com 07 anos, eu estudava no centro da cidade. Era perto do trabalho de mainha, mas era longe da nossa casa. Todo dia ela me deixava na escola e corria para o trabalho para chegar lá às 07h. E para isso, a gente precisava acordar muito cedo, para sair de casa muito cedo, para chegar no ponto de ônibus no horário exato. Não podia dar errado.

(Uma atriz entra no corredor central, fazendo a Botão mais nova, repetindo os movimentos da caminhada. Logo após, entra outra atriz, no papel da mãe, pelo corredor frontal, também repetindo o movimento da caminhada)

Ela saía de casa extremamente apressada e, eu, a acompanhava. Precisava.

(A mãe puxa a filha (botão), querendo pressa.)

A cena se repetia como se fosse gravada:

Ela segurava minha mão e andava. Andava, andava. Eu também, mas por algum motivo parecia que eu ficava. Nossos braços esticavam e, então, ela me puxava. Ela andava, andava, eu ficava para trás, nossos braços esticavam e ela me puxava. Ela andava, eu ficava para trás, nossos braços esticavam e ela me puxava.

(Fica apenas a Wedna na frente, os outros no fundo)

Hoje, num outro tempo, em diferentes espaços, a ação acontece. Só que diferente.

GUILHERME – Por que tá andando tão rápido?

EDUARDO - Calma!!!

SAMARA – Vai mais devagar!

(Apagam-se as luzes. Volta para o final da cena anterior. Luz Frontal.)

CENA 10 MANIFESTO

IAGO E JOÃO: Ei, VOCÊ: eu te amo. Agora eu sei disso, como quem sente a água fria da chuva cair na cabeça enquanto pisa uma poça no chão. Ei, VOCÊ! Eu te amo!

IAGO: Esse é o nosso manifesto pela existência: a potência do possível das vidas, o respiro, mesmo sob os escombros, o efêmero de nós que fica, a gente “plura” e se refaz. A batida do nosso coração não é em vão, os vãos da vida vão, o sangue que escorre hoje, de ontem e de sempre, vai ser lavado agora.

JOÃO: A nossa existência é maciça, é vida que brota dos poros, é solo que vira dueto, é duelo com a morte, é roda de escuta que enxuga todo o sangue derramado por corações rijos.

É sorte ter a espada e a lança.

IAGO: Ogum e Oxóssi, Iemanjá e Iansã: pega eles para ferida ficar sã, põe para correr, bota para falar, faz sentar para poder ouvir, escutar, compreender, diz que é para ver e para quem não sabe, saber.

JOÃO: Se vós não conseguir vós grita, grita que nós ouve e mexe os nossos búzios-microfone, a gente tem nome. Não tem troco e agora é sem tronco. É isso...

IAGO: Está dito e eu não repito. Falei. Vós escutou?! E tenho dito...

(Surge um som de trovão. Apaga a luz frontal. Entra no corredor do fundo. Juliana coloca roupa para secar.)

CENA 11 TEMPO DE SAIR DE CASA?

(Leticia entra e observa a mãe – Juliana - que está colocando roupa para secar.)

JULIANA *(sentindo a presença da filha):* O que foi filha? Aconteceu alguma coisa?

LETÍCIA: Mãe, você não acha que já é tempo de eu sair de casa?

(A mãe fica emocionada, levanta e vai até a filha. Pega em suas mãos.)

JULIANA- Vai, filha, vai... *(A mãe beija a testa da filha, dá um abraço. Eduardo entra e entrega uma mala para Leticia. Apaga a luz do corredor do fundo. Acende o foco central, com João deitado no colo de Iago.)*

(Volta para o final da cena anterior)

CENA 12
MEU PEQUENO OGUM

IAGO: Meu pequeno Ogum, me ensina a batalhar, a vitória do seu lado é uma escolha (*cantando*) Que você seja um homem justo, que você seja o que quiser ser, Jorge.

(Apaga o foco central. Entra o corredor do fundo. Iago e João saem de cena. Leticia, ao fundo, agora sozinha, olha para os lados, caminha para a frente, acende o foco central. Ela fala.)

CENA 13
SUFICIENTE

LETÍCIA/ESCRITORA (*no centro do palco*): Não consigo escrever... Tenho essa necessidade de ser perfeita. Rascunhos me incomodam, se tem algo rabiscado me incomoda. Tem que estar tudo milimetricamente calculado ou não vale a pena, não tá bom. Não nas coisas dos outros, mas nas minhas. Acho que foi por isso que eu parei de desenhar e escrever no papel. Nunca saía perfeito como eu imaginava e isso me frustrava. Sempre tive a sensação de que o que eu tinha a dizer não valia a pena ser ouvido. Nunca é suficiente. Suficiente. Essa é uma palavra que eu falo muito. Eu não me sinto suficiente nas coisas. E esse sentimento me consome. Não sentia que eu era suficiente pros meus pais, quem dirá pro mundo. (*Mudança de luz, entra a geral. Maurílio toca e canta a música “Cansado”, enquanto os ensacados entram e caminham apressados de um lado a outro do palco, simultânea e alternadamente.*

Leticia se assusta com eles, tenta sair da confusão, até conseguir sair de cena.)

MÚSICA: CANSADO

Sempre houve uma necessidade
 Para me livrar dessa dor
 Qu'eu não consigo mais lidar
 Já estive em outros patamares
 Mas agora eu sinto que eu não consigo respirar

Refrão (2x)

Cansado de sempre me sentir tão pequeno

Cansado de sempre me sentir incapaz

Cansado... (4x)

(À medida que a música vai finalizando, seis ensacados sentam. Iago toca a alfaia. As batidas marcam gestos coreografados que são realizados pelos ensacados. Samara entra por trás deles e vai falando em seus ouvidos, enquanto retira os sacos de suas cabeças. Eles falam frases como: "Estou cansada"; "Não vai dar tempo"; "O que será que eles pensam de mim?"; "Não vai dar certo"...")

(Juliana e Mary saem de cena. Samara sai e retorna nas costas de Bruno. Eduardo se enrosca em Guilherme, enquanto Wedna vai para Isabele. Sons arranhados feitos pelo violão.)

CENA 14 ANSIEDADES

BRUNO: Ela sempre esteve aqui. Na verdade, eu nem lembro em que tempo ela chegou, eu acho que tá aqui desde sempre... Ela é minha melhor amiga. E já é tão difícil fazer amigos hoje em dia, como que eu vou mandar minha melhor amiga embora?

GUILHERME: Tem dias que eu acordo de madrugada, pois não estou conseguindo dormir, então coloco música para me acalmar, mas não adianta nada, pq me acordo às 2h, às 3h, 4h... quando eu vejo já são 7h30min e eu não dormi nada, pq você me acordou a noite toda para dançar.

ISABELE: Ela me faz companhia a todo lugar que eu vou. Ela vai comigo à Universidade, ao cinema, e até no Sabadinho Bom. É... ela gosta de samba... samba que vai acelerando, e acelerando, e acelerando.

BRUNO: Às vezes, ela aperta minha caixa torácica e eu fico com dificuldade de respirar, parece que eu tô carregando uma baleia azul e eu fico sem conseguir falar. E quando chega o final de semana, eu tô tão cansado que eu só fico na cama, e ela é minha melhor companhia. Então o tempo vai passando, e vão passando os episódios das minhas séries, num dia inteiro.

ISABELE: Sabe, a verdade é que ela me conhece melhor do que ninguém. Ela tá sempre cuidando de mim, me impedindo de fazer aquilo que eu sei que não é bom pra mim, sabe? Então eu não faço nada. Algumas vezes, quando eu não tenho nada interessante pra dizer, ela me cala. (*A ansiedade tapa a boca de Leticia.*)

GUILHERME: Ela tem mania de fazer eu deixar tudo para depois, não consigo realizar minhas tarefas diárias. Eu sei o que eu quero, só preciso de tempo, mas estou sempre cansado querendo viver o amanhã...

BRUNO: Eu já sei que ela vem, ela vai... Às vezes ela fica tão tranquila que eu consigo até me mexer, mudar ela de lugar (*realocando o peso, em tom de alívio*). Ah, assim é bem melhor.

ISABELE: Ela parece ser muito maior do que eu. Eu devo a ela todas as paixões que eu vivi no reino das ideias; os encontros marcados pelo destino, aos quais eu faltei.

BRUNO: Eu já me acostumei tanto com a presença dela, que eu simplesmente não quero que ela vá embora... Quando ela tá agitada, eu só faço um carinho nela, peço uma pizza grande com refrigerante, frete grátis e rapidinho ela se acalma. Aí eu consigo respirar de novo.

CENA 15 RESPIRAÇÃO

(Imagens ao fundo de vento balançando árvores, tecidos esvoaçantes, cabelos ao vento, ventanias... Entram seres do AR – Iago e Rute -, que correm para os praticáveis do fundo. Sons de flauta e dos atuantes fazendo sons de ar/respiração/hálito. As ansiedades que, nesse momento, já estão caídos no chão vão saindo de cena. Saída da luz da frente e fica apenas o corredor do fundo, com Iago e Rute. A luz vai saindo vagarosamente. Fica apenas a projeção.)

CENA 16 FIM DO MUNDO

(Sai projeção. Iago e Rute modificam a posição dos praticáveis. Entra um atuante (Eduardo) gritando em círculo até se colocar ao lado dos praticáveis.)

ATUANTE 01: Hoje é o último dia! Hoje é o último dia!

(O atuante sobe no praticável, equilibrando-se numa corda bamba. Senta no praticável.)

ATUANTE 01: O que você faria se esse fosse o último dia?

(Entra uma atuante - Juliana)

ATUANTE 02: Eu comeria o doce de leite de voinha.

(Eduardo desce do praticável e começa a preparar um doce de leite)

ATUANTE 02: Pense como era bom! Ia me dar uma caganeira danada, ô se ia! Mas eu comeria tudo mesmo assim!

ATUANTE 01: Eu iria chamar a família toda e ia passar o dia inteiro pescando no rio.

(Formam a imagem de pescadores)

ATUANTE 03: Eu iria aproveitar para nadar no rio perto da casa da minha avó, onde eu adorava mergulhar quando criança. Eu iria correndo até a margem e então num pulo eu me jogaria na água, de roupa e tudo!

ATUANTE 02 *(fazendo a avó)*: Desce daí, menino! Vai pegar um resfriado.

ATUANTE 04 *(entrando no praticável, empurrado por outros dois atuantes)*: Eu sairia por aí navegando pelo mar, e gritando para todo o oceano ouvir o nome de todas as pessoas que eu já me apaixonei.

ATUANTE 05: Eu iria me vestir com uma fantasia do Fofão e sair por todas as ruas que nem a carreta FURACÃO. Ninguém iria saber que sou eu, nem minha família...

(Formam a carreta e cantam “Vem dançar o mestiço”.)

ATUANTE 06: Eu reuniria todo mundo na minha casa e faria pipoca para ver televisão, todo mundo bem grudado.

(Os atuentes se posicionam ao redor da ATUANTE 06, sentam no chão, e ficam de costas para o público. Acende o corredor do fundo. A luz da frente fica em baixa intensidade. Atrás dos praticáveis, aparecem cenas de canais diferentes de televisão. A ação consiste em ir mudando os canais da TV até chegar numa novela mexicana. Os atores da novela, ao final, vão descendo lentamente. Sai a luz do corredor do fundo. Saem todos os Atuentes. Entra a luz no corredor central.)

CENA 17 BRINDE AO TEMPO

(Laura entra cantando pelo corredor central, segurando uma taça.

Canta: “Ei, fio do tempo que tece a memória”.

Eriberto entra em seguida, com a taça na mão, cantando:

“Traz sem demora o gosto de tudo”.

Laura canta: “Traz os carinhos daquela senhora”

Eriberto canta: “o esconde-esconde, a rabiola”)

LAURA: Quem teve o privilégio de viver muito, sabe que o tempo é um mestre muito caprichoso. Às vezes as suas lições são tão repentinas que quase nos afogam. Outras vezes elas se depositam devagar como a conta gotas, diante da avidez das nossas perguntas.

ERIBERTO: E, por isso, quem teve o privilégio de viver muito tempo, como tantos amigos aqui, do nosso baile, aprende a olhar com serenidade o turbilhão da vida. Amores ardentes, se extinguem. Urgências, se acalmam. Passos ágeis, ralentam.

LAURA: Enfim, tudo muda. Muda o amor, mudam as pessoas, muda a família.

ERIBERTO: Só o tempo permanece do mesmo modo, sempre passando.

LAURA: E é por isso que eu queria esta noite erguer um brinde a ele, que esculpiu no meu rosto e na minha alma a sua marca, da qual eu tanto me orgulho. Então, ao tempo! *(erguendo a taça)*

ERIBERTO *(erguendo a taça também):* Ao tempo!

(Eremita sai de cena. Letícia toca o teclado, eles dançam. Entra projeção de uma espiral em movimento. Sai luz geral lentamente, fica apenas a projeção por um tempo. Todos começam a fazer som de Tic-tac. Sai projeção da espiral e entra o fogo.)

CENA 18

ETERNIDADE EM PEDAÇOS

(Projeção de pessoas, de vida acontecendo, crianças soltando pipa, gente sorrindo, gente correndo, chuva caindo... Os atuentes entram em cena, fazendo “TIC-TAC” e movimentos, ocupando o palco todo. Dois atuentes trazem o praticável, agora sem a máquina de escrever, mas com a lanterna do Eremita.)

CANTAM:

A eternidade em pedaços
Um pedaço de eternidade
Vale mais que um para sempre

Dançando, fazendo novos giros
Indo e voltando nos sentidos

Voam, escorre e vira riso

Ritmo, risca e risco

Ti, Ti, Tic-Tac

ESCRITORA/WEDNA *(vai para o praticável e pega a lanterna):* Achamos que por dominar o fogo seríamos capazes de vencer o tempo. Eu costumava me sentir acorrentada como Prometeu num ciclo contínuo de perdas. Via o tempo como o tirano responsável por levar coisas e pessoas de mim...

Mas não posso deixar esse medo me impedir de começar...

Na vida, a gente molda o que parece ser árvore e não há problema em querer ser regada, ver a luz e crescer. A gente vê gente pegando praga, gente que não bota fé na sua grama, e seguimos em frente, mesmo com medo do escuro.

Sempre de cabeça erguida com a lanterna na mão.

Vivemos tanta coisa nessa vida...

Eu dancei e chovi igual ao céu.

Eu sequei igual ao sertão e ainda amanheci gente...

(Os Atuentes voltam a cantar mais alto o Tic-tac. Wedna deixa a lanterna no praticável e se junta a todos. Cantam a letra novamente. Vão cantando TIC-TAC enquanto a luz vai saindo vagarosamente.)